



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:  
( X ) Resumo ( ) Relato de Caso

## VIVÊNCIAS NA TRILHA PERCEPTIVA DO III SEMINÁRIO REGIONAL APACE SOBRE DEFICIÊNCIA VISUAL

**AUTOR PRINCIPAL:** Amábile Cristina Novaes Scorteganha

**CO-AUTORES:** Raqueli Cades, Franciane Paula Galli, Giomar Rodrigues, Giovanni Martins Cardoso

**ORIENTADOR:** Mariane Loch Sbeghen

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo

### INTRODUÇÃO

Os processos de criação, bem como os processos intuitivos, conectam-se intimamente com o ser sensível, tanto no domínio conceitual quanto intelectual, articulando-se, principalmente, através da sensibilidade (OSTROWER, 1978).

Para Duarte Júnior (2001), o sujeito deve prestar mais atenção à sensibilidade de seu corpo, pois é através dele que também se experimenta e vivencia o mundo e não tão somente através da cognição, se, desse modo, nos permitirmos e nos educarmos para tal.

Conhecendo a importância da multissensorialidade para a aprendizagem do nosso meio, e como a arte é agente fundamental para a estimulação do sensível, é que se objetivou relatar e discutir os depoimentos em relação à trilha perceptiva registrados pelos participantes durante o *III Seminário Regional APACE sobre Deficiência Visual*.

### DESENVOLVIMENTO

A trilha perceptiva foi vivenciada no *III Seminário Regional APACE sobre Deficiência Visual: Visualizando o Futuro*, nos dias 27 e 28 de agosto de 2015, pelos acadêmicos do curso de Artes Visuais, da Universidade de Passo Fundo (UPF), e bolsistas do projeto *Boas Práticas, Educação e Meio Ambiente Saudável*.

A ideia da trilha foi proposta e aceita em reunião com representantes da Divisão de Extensão e Assuntos Comunitários da UPF e demais comissão organizadora do seminário, composta por representantes da APACE e acadêmicos e professores extensionistas.

Paralela à programação do evento, a trilha perceptiva recebeu deficientes visuais, educadores da rede regular de ensino, professores de Atendimento Educacional Especializado

(AEE) e comunidade em geral, que tiveram a possibilidade de experimentar algumas situações vividas pelos deficientes visuais, explorando os demais sentidos.

Pensou-se a estrutura da trilha de maneira que os participantes pudessem perceber elementos industriais, tecnológicos, naturais e culturais, comuns no cotidiano. Os visitantes entraram um por vez na trilha, vendados e guiados pelos acadêmicos. Ao final da vivência, eram convidados a registrar sua experiência. As frases foram consideradas quantitativa e qualitativamente.

A trilha obteve o total de 30 depoimentos. Desse total dividiu-se em categorias conforme as expressões de: a) *bem estar*; b) *medo/insegurança*; c) *curiosidade*, d) *insegurança e curiosidade*; e f) *reflexão*. Na categoria de *bem estar* classificou-se 15 depoimentos, a categoria mais numerosa. Em relação ao sentimento de *medo e/ou insegurança*, quantificou-se 3 relatos. A *curiosidade* foi expressa em 2 testemunhos. A *insegurança* aliada à curiosidade foi descrita em 4 relatos. E depoimentos reflexivos foram observados em outros 4 registros. Dois depoimentos foram descartados por não possuírem condições para categorização.

Alguns dos participantes relataram apenas a curiosidade que tiveram em descobrir o que havia na trilha. Apesar da curiosidade, um participante relatou desorientação no espaço e outros pensaram que o caminho era maior do que o real. Ao descobrir o espaço, segundo Ostrower (2004), e descobrir-se nele representa para cada indivíduo uma experiência pessoal e ao mesmo tempo universal.

A categoria *insegurança e curiosidade* foi estabelecida por apresentar depoimentos onde esses dois sentimentos se uniram. Alguns participantes também comentaram o tempo: “Bastante ansiedade. O tempo passa de uma forma diferente. O tempo para exploração dos materiais é mais demorado”.

Por último, algumas frases que enfatizaram mais a reflexão da proposta da trilha com a temática do seminário do que o sentimento vivenciado na trilha foram agrupadas na categoria *reflexão*. Alguns participantes mostram a importância em explorar os demais sentidos: “Uma grata experiência, pois, assim, pude explorar sentidos que às vezes utilizamos pouco. Ajuda a ampliar a percepção do que estamos tocando”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que a sensação de *bem estar* ocorreu em maior frequência em relação às demais categorias, totalizando 15 registros. Apesar de apenas 4 registros na categoria *reflexão*, a trilha contribuiu para a sensibilização das dificuldades cotidianas de deficientes visuais, levantado reflexões em torno da temática da inclusão ao convidar para o sentir, tocar, explorar e descobrir.

## REFERÊNCIAS

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar, 2001.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.